

O QUE TEM ATENAS A VER COM JERUSALÉM? UMA CONSIDERAÇÃO SOBRE O LOGOS E SEU ENCONTRO COM A TEOLOGIA E A FÉ CRISTÃ NA PERSPECTIVA DE PAUL TILlich

Werner Schrör Leber¹

RESUMO

O presente texto procura explicitar alguns aspectos da teologia de Paul Tillich cujo propósito foi a honrosa e cara tentativa que o teuto-americano fez quando combinou a filosofia grega, a pergunta existencial, com a revelação cristã ocorrida na Páscoa. Conforme Tillich, os cristãos ignoram que a filosofia grega já trazia embrionariamente questões às quais o Cristo da Fé tornar-se-ia a resposta definitiva. A sua metodologia teológica, conhecida por **Método de Correlação**, procura relacionar as questões existenciais (a pergunta) com a Revelação (a resposta). O que surpreende em Tillich é que na sua percepção a Bíblia contém uma ontologia, uma indagação existencial. Desse modo, a revelação cristã pode até ser historicamente posterior a muitos eventos e dramas bíblicos do Antigo Testamento. Mas a revelação em Cristo é uma questão que passa a ter preponderância ontológica sobre aqueles eventos históricos posto que a pergunta grega “o que há?”, passa a estar respondida na revelação cristã: “o que há” é o Cristo, a verdade definitiva e fundamento último da existência. Em Tillich, retomando uma expressão dos pensadores cristãos do período da Patrística, Cristo é o Logos Encarnado. Tillich insistiu que os filósofos estoicos

¹ Werner S. Leber é Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor da Sociedade Educacional Posiville.

tornaram-se rivais dos cristãos nos primeiros séculos. A teologia cristã incipiente herdou dos estoicos, por exemplo, a questão intelectual e a coragem, e que foi fundamental e decisiva para sobreviver e resistir à cultura romana, antipática e até inimiga da religião cristã.

Palavras chave: Ontologia; revelação; logos encarnado; helenismo; estoicismo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Paul Tillich é um teólogo sob muitos aspectos ímpar. A maneira como entende a teologia cristã rendeu-lhe honrarias e desafios também. Quando chegou aos Estados Unidos, em fins de 1933 como refugiado político, expulso de sua pátria mãe, a Alemanha, por conta do nazismo, foi visto como um teólogo inovador e perigoso também.² Para a teologia protestante e evangélica, pode parecer estranho relacionar a razão filosófica – o logos grego – com a teologia, notadamente a teologia cristã.³ Não é pra menos. Grandes teólogos dos tempos de Tillich, como Karl Barth e Emil Brunner, por exemplo, não viram com bons olhos as pretensões de Paul Tillich. A censura a Tillich pode ser encontrada na relação nada amistosa entre a razão filosófica e a teologia protestante. Nada é tão radical em

² Quem afirma que Paul Tillich era visto como radical e perigoso é Carl Braaten, seu sucessor na Universidade de Chicago, no Prefácio que escreveu em: TILLICH, Paul. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 1986. p. 12. Uma boa abordagem sobre a vida de Tillich e a mudança que o nazismo provocou em sua vida pode ser encontrada em MUELLER, Enio Ronald; BEIMS, Robert Walter. (Orgs). **Fronteiras e interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar**. São Leopoldo, RS: Sinodal: 2005, p. 11-39.

³ Há séculos e décadas quando se falava de teologia entendia-se que se estivesse a tratar de Teologia Cristã. Não havia necessidade de maiores detalhes, pois estava sempre entendido que “teologia” é o estudo sistemático da doutrina e da fé cristã. Mas também isso ficou problemático em nossos dias. Hoje, fala-se em Teologia das Religiões, que seria uma teologia diferente do tradicional binômio Teologia/Cristianismo. E até mesmo em “Teologia pluralista das religiões”, LIENEMANN-PERRIN, Christine. **Missão e diálogo interreligioso**. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2005. p. 110. Não adentraremos ao mérito da questão. Para Tillich, todavia, que fique claro, teologia da qual aqui se trata é sempre teologia cristã.

Lutero e, por extensão, em toda teologia evangélica atual, como a rejeição da filosofia de Platão e Aristóteles e de todo o seu legado na teologia cristã anterior à Reforma, notadamente naqueles eventos culturais e históricos a que denominamos Patrística e Escolástica. Não de um modo explícito, mas a teologia evangélica atual remete à teologia da Reforma, isto é, ao protestantismo incipiente de tipo luterano e calvinista e, como tal, está dentro daqueles pressupostos também. É fácil verificar a rejeição da filosofia na tradição protestante quando se analisa um escrito dos tempos da Reforma como, por exemplo, o **Debate de Heidelberg**, de 1518. Na tese 29, Lutero escreve de modo enfático: “*Quem quiser filosofar sem perigo em Aristóteles precisa antes tornar-se bem tolo em Cristo*”.⁴ E nesse Debate como em vários outros textos do reformador desse período, a tônica principal tem sido a rejeição do tipo de conhecimento quem vem de Atenas.

Para Paul Tillich, porém, a correspondência entre a teologia cristã e a cultura filosófica grega é bem maior do que se supõe ou do que se costuma admitir.⁵ Dizendo de modo mais claro, Tillich está na contramão do protestantismo tradicional. E, conforme ele, há uma certa tendência na teologia protestante-evangélica em geral de ignorar essa relação. O exemplo mais evidente, segundo ele, seriam os filósofos estoicos, cujo suporte cultural foi elementar para os cristãos sobreviverem e construírem sua

⁴ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: os primórdios – escritos de 1517 a 1519. 2. edição. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2004. p. 39. p. 579-85.

⁵ É provável que essa correspondência seja menorizada pela importância dos textos paulinos à fé cristã. Sobre tudo por Paulo ter assumido uma postura que se opunha à “sabedoria deste mundo”, conforme se lê na clássica passagem da Mensagem da Cruz de 1Co 1, 18-25, cujo verso 19 afirma “destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos”. Outras cartas de Paulo, como, por exemplo, Gálatas e as duas Cartas aos Tessalonicenses mostram uma tensão entre a cultura grega, chamada pelos exegetas de gentílica, e a fé cristã. Esse problema levou Heidegger, antes de se tornar famoso com **Ser e Tempo**, de 1927, a se dedicar ao estudo das cartas de Paulo sob o crivo da filosofia fenomenológica e existencial, naqueles escritos de 1920 a 1921, agora traduzido para o português. Ver HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2010.

teologia, sua base de fé, nos primeiros séculos da era cristã. Nesse período, os romanos dominavam política e militarmente os territórios em torno do Mediterrâneo, o que incluía, evidentemente, o território de Israel daquele tempo. Desse modo, foi inevitável o encontro entre a fé cristã e a cultura grega. Mesmo que sejam duas perspectivas distintas, tiveram de conviver em um mesmo contexto. Isso trouxe consequências para a forma como a teologia cristã se organizou. Para Tillich, a importância cultural da doutrina estoica no mundo antigo é de tamanha envergadura que seu alcance ultrapassa a importância de “[...] Platão e Aristóteles juntos para a vida e o destino do mundo antigo”.⁶ Mas Tillich não restringe a relação somente aos estoicos. Vários outros fatores não permitem ignorar que a teologia cristã é tributária da filosofia, embora o conteúdo da fé cristã nada tenha a ver com a filosofia grega de modo direto.

A importância da correspondência entre a filosofia grega e a fé cristã sempre foi tema controverso, não encontrando consenso fácil em círculos filosóficos e tampouco em círculos teológicos. Desde os tempos antigos, ainda nos primórdios do cristianismo, havia posições díspares sobre o problema. Tertuliano, um dos Pais da Igreja Antiga, perguntou: “[...] que tem Jerusalém a ver com Atenas?”⁷ A pergunta do patrístico já revelava a tensão que havia entre a fé e a doutrina cristã e a filosofia ateniense, chegada a Jerusalém através da helenização.⁸ Em um texto tanto famoso quanto polêmico, que veio a público em 1927, Martin Heidegger sustentou que a

⁶ TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004. p. 29. Conforme ABBAGNANO, **Dicionário de filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 438, “Ao lado do aristotelismo, o estoicismo foi a doutrina que maior influência exerceu na história do pensamento ocidental”.

⁷ BRAATEN, Carl; JENSEN, Robert, [Eds]. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sínodal, 1990. v.1. p. 35.

⁸ Período que vai da morte de Alexandre Magno – de 323 a. C até o século VI da era cristã. Período de expansão da cultura e da fala grega no mundo antigo e que, inevitavelmente, se defrontou com a cultura e a tradição cristã.

teologia seria uma “[...] ciência positiva e, como tal, absolutamente diferente da filosofia”.⁹

Foi a helenização que fez com que a cultura grega, incluindo-se a filosofia, se espalhasse pelo Médio Oriente, enfim, pelos entornos do Mar Mediterrâneo. Como já dito, é a partir do encontro dessas duas perspectivas que Tillich procura relacionar o logos grego com a revelação.¹⁰ A ontologia pressuposta no logos tem sua resposta na revelação acontecida em Jesus como o Cristo, o Kairós, como Tillich diz. Essa ponte ontológica que Tillich elabora entre esses dois eventos é o nosso alvo. Pois é notória a criatividade filosófica de Tillich para correlacionar dois acontecimentos, a princípio, completamente diferentes e até opostos em muitas situações. A tradição judaica de cuja profecia, queira-se ou não, o cristianismo é herdeiro, desenvolveu-se em um território que esteve inserido em um contexto onde a helenização de Alexandre Magno e seus desdobramentos futuros também

⁹ HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 59. Trata-se da preleção apresentada na Universidade alemã de Marburgo em 1927, cujo título era “Fenomenologia e teologia”, páginas 56-88. Não será possível entrar nos desdobramentos e os méritos que Heidegger dá à questão. Apenas salientar que a perspectiva que vem da fenomenologia existencial de Heidegger que, por sua vez tem uma ligação com o método fenomenológico de Edmund Husserl, é também, via de regra, a intenção que orienta Paul Tillich. Tanto Martin Heidegger quanto Paul Tillich foram alunos de Edmund Husserl em Marburgo, na Alemanha. São, portanto, herdeiros de uma perspectiva filosófica existencialista e fenomenológica. Ainda que Tillich, depois de 1933, ano em que foi expulso da Alemanha por conta do nazismo e emigrou ao EUA, ter dado aparentemente menor importância à filosofia existencialista do que antes, esse viés filosófico está presente no todo de sua teologia. p. 29. Conforme ABBAGNANO, **Dicionário de filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 438, “Ao lado do aristotelismo, o estoicismo foi a doutrina que maior influência exerceu na história do pensamento ocidental”.

¹⁰ Essa relação é analisada em sua obra mais importante, a **TEOLOGIA SISTEMÁTICA**. A TS é resultado de algumas décadas de pesquisa e estudos, foi editada originalmente em três volumes, surgidos em diferentes épocas. É, certamente, um dos textos mais significativos do protestantismo do século XX. O primeiro volume surgiu em 1951, o segundo em 1957 e o terceiro em 1963, todos publicados originalmente pela Universidade de Chicago. Hoje eles são editados em um único volume. A primeira tradução deste monumental texto para o português praticado no Brasil foi realizada por Getúlio Bertelli e foi publicada em 1984. Em 2005 saiu 5ª edição para a língua portuguesa, agora, porém, com uma nova tradução do original inglês.

estabeleceram raízes.¹¹ Esse encontro, ocorrido por motivos políticos e imperialistas, fez com que duas culturas, distintas, diferentes e até opostas em muitos aspectos, convivessem e dessem suporte à teologia, à doutrina e à fé cristã.

2 A CULTURA ESTOICA E A FÉ CRISTÃ

Os estoicos, conforme Tillich, foram a mais importante escola filosófica do helenismo. Sua influência adentrou ao Império Romano. Dentre os mais conhecidos estoicos romanos está o imperador Marco Aurélio e o historiador e filósofo Sêneca. Isso implica perceber que nos primórdios da era cristã o estoicismo era uma doutrina, como quer Tillich, rival em vários aspectos da doutrina cristã. Assim escreve nosso autor sobre os conflitos entre a visão estoica de mundo e a cristã:

O cristianismo tomou de seu rival muitas ideias fundamentais. A primeira é a doutrina do Logos, doutrina que pode desesperar muita gente quando começa a estudar a história do pensamento trinitário e cristológico. Mas o desenvolvimento dogmático do cristianismo não pode ser entendido sem ela. [...] A concessão de cidadania romana a todos os cidadãos das nações conquistadas representou tremendo avanço nivelador. As mulheres, os escravos, e as crianças, consideradas inferiores sob a antiga lei romana, tornavam-se iguais perante as leis dos imperadores romanos. Não foram os cristãos que inventaram essas coisas, mas os estoicos, por acreditarem na ideia de que todos participam do Logos universal. Dessa maneira, os estoicos conceberam a ideia de um estado todo abrangedor, envolvendo o mundo inteiro, baseado na racionalidade comum de todas as pessoas. [...] A diferença é que os estoicos não tinham o conceito de pecado. Falavam em insensatez. [...] Assim, a salvação se alcançava por meio da sabedoria. No cristianismo, a salvação nos é concedida pela graça divina. São duas atitudes conflitantes até hoje.¹²

¹¹ Trata-se da cristianização da filosofia. Uma boa análise desse problema encontra-se em: ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric O. **Filosofia para entender a teologia**. São Paulo: Paulus; Santo André, SP: Academia Cristã, 2010. p. 78-113.

¹² TILlich, 2004, p. 30-31.

Sob o crivo messiânico, os cristãos são herdeiros da cultura judaica. Tanto na perspectiva judaica quanto na cristã, embora sejam diferentes entre si em aspectos essenciais, há a firme convicção de que o ser humano está tomado pelo pecado, que está rompido com seu criador (queda), que não pode se salvar por si mesmo. Enfim, que necessita da graça e da misericórdia de Deus. Assim sendo, não se trata de uma especulação metafísica sobre o ser, como faziam os gregos. Mas reconhecer que o pecado, o rompimento com Deus implica, por outro lado, a firme convicção de que o mundo, independentemente do ser humano, está nas mãos de Deus.¹³ Só dele, e absolutamente dele, virá a salvação. Mas não se trata de um Deus do qual se pode tomar posse como garantia, e sim um Deus que não se deixa emoldurar pela segurança das definições teológicas ou filosóficas.¹⁴ Enquanto que a filosofia grega, ao contrário, guia-se por um critério de razão – logos - que visa fazer da sabedoria humana a tábua de salvação. Essa é a tensão entre Atenas e Jerusalém.

A filosofia é sempre identificada com o tipo de racionalidade interrogativa surgida com os físicos (φύσικοι) pré-socráticos gregos antigos e a sua noção de “fisis” (φύσις) primordial.¹⁵ Foi a filosofia desses físicos, naturalistas, cosmólogos que, de alguma, maneira preparou o caminho para todos os desdobramentos metafísicos posteriores de Parmênides, Platão e Aristóteles e

¹³ O crente espera pela “restauração integral da criação (Atos 3.21)”, BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2010. p. 126.

¹⁴ Sobre isso é muito importante o conceito “vida fática” do trabalho de HEBECHE, **O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e Paulo**. Ijuí: Unijuí, 2005. Nesse caso o termo “vida fática” quer se colocar contra as teologias da história, contra as teologias objetivas e positivas. O Trabalho de Luiz Alberto Hebeche, professor de filosofia da UFSC, aborda as cartas paulinas tomando como referência “a brecha na tradição objetivista” denunciada por Heidegger na filosofia tradicional, p. 15. Em outra passagem ele dirá, quase como Dostoiévski, que “a vida nasce do subterrâneo e não da clara ideia filosófica” p. 23.

¹⁵ Para BOSCHENSKI, Innocentius Marie. **Diretrizes do pensamento filosófico**. 6. edição. São Paulo: EPU, 1991. p. 21-31, a filosofia sempre foi um conhecimento explicativo sobre as coisas (os objetos) que, de modo geral, é sempre aquela totalidade conhecida como realidade. Como ele mesmo diz nesta passagem: “[...] desde o velho Tales até Merleau-Ponty e Jaspers – sempre de novo constataremos que o filósofo é um homem que quer explicar a realidade” p. 25-26.

sua recepção na cultura helênica e cristã. E a teologia, um conhecimento específico cuja origem remete sempre à fé que surge do paradoxo entre a decepcionante morte do Galileu na cruz e a páscoa glorificante de Jerusalém, que sucedeu aquela decepção, – aquela páscoa através da qual o Evangelho proclamou que *o reino de Deus* (Ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ) está próximo. Essa seria a correspondência ontológica da teologia de Tillich, onde as perguntas existenciais do logos grego prepararam o caminho para a reposta revelatória definitiva do Deus Encarnado. Deus esse a quem se chama também Verbo Encarnado, a Palavra Viva que perambulou entre as incertezas e incredulidade do mundo, aquele Cristo só identificável pela fé, depois de ter sucumbido ante os inimigos, aquela “vergonha da cruz” antes da Páscoa gloriosa que Brakemeier nos fala.¹⁶ É dessa situação existencial paradoxal que surgem os títulos cristológicos cujo objetivo principal outro não é a não ser “exaltar a unicidade de Jesus como o Cristo vivo, o Senhor ressurreto e o Salvador escatológico do mundo”.¹⁷ E aqui cabem as palavras de Westhelle: “É por isso também que o mito é escandaloso. Ele não pode ser compreendido, apenas crido e vivido”.¹⁸ Esse *crer e viver* da fé cristã fica sempre aquém e ao

¹⁶ BRAKEMEIER, 2010, p. 63.

¹⁷ BRAATEN; JENSEN, 1990, p. 544.

¹⁸ WESTHELLE, Vítor. Os sinais dos lugares: as dimensões esquecidas. In: DREHER, Martin ed. **Peregrinação**: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 261. A referência aponta para uma controvérsia com a teologia de Rudolf Bultmann (1884-1976). O seu programa teológico havia sustentado que a fé no Cristo Ressurreto não depende nem da história e nem de provas lógico-científicas de qualquer ordem conforme BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004. Mas Bultmann também havia preconizado que o cristianismo e a teologia estão sedimentados em uma linguagem mitológica, completamente incompreensível para a fé dos tempos modernos. Lançou-se, assim, em um programa que ele mesmo denominou “Desmitologização” conforme, por exemplo, BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 14-19. Esse programa visava justamente escoimar esses mitos bíblicos, sobretudo os neotestamentários. A discórdia de Westhelle é a mesma de Tillich com Bultmann, ou seja, se a fé não depende da história e da ciência, ela sempre será também mítica. Segundo os dois, Bultmann não teria compreendido suficientemente o significado do que seja mito, embora de modo algum reprovem, em sentido amplo, as intenções de Bultmann.

mesmo tempo além das objetivações teóricas de uma teologia com pressupostos metafísicos. Gianni Vattimo, um filósofo italiano de nossa época, escreveu um texto no qual tece várias críticas “à morte de Deus” preconizada por Nietzsche. Ele não concorda com as marteladas entusiásticas que Nietzsche costumava dar no cristianismo. Nietzsche não percebeu que o Deus que ele queria destruir era apenas o Deus da metafísica tradicional, que Pascal chamou de Deus dos filósofos. Argumenta que a crítica à metafísica tradicional, longe de endossar o ateísmo metodológico e sistemático de um grande número de cientistas e pesquisadores, representa uma forma de sustentar a fé, sobretudo a fé cristã, quando se verifica que “[...] hoje parece que um dos principais efeitos filosóficos da morte de Deus metafísico e do descrédito geral, ou quase, em caiu todo o tipo de fundamento filosófico, foi justamente o de ter criado um terreno fértil para a possibilidade renovada da experiência religiosa”.¹⁹

Segundo ele, até mesmo os grandes críticos do cristianismo contemporâneo, além de Nietzsche, como, por exemplo, Sartre e Heidegger, cujos indícios ele segue para defender a religião cristã como radicalmente antimetafísica, recuaram e não levaram a termo as críticas que iniciaram. Assim escreveu ele: “Nietzsche e Heidegger [...] permanecem eles também prisioneiros do objetivismo grego e se recusaram a levar até as últimas conseqüências as implicações da revolução antimetafísica cristã”.²⁰ E também Tillich não pôde evitar a metafísica, embora soubesse as diferenças de conteúdo entre a proclamação cristã e o logos grego. Dizendo de um modo mais enfático, Tillich tinha clareza de que a profundidade das palavras de Jesus eram bem diferentes das de Sócrates. Então aqui é preciso dizer ainda alguma coisa. A metafísica não é evitável por completo justamente porque humanamente ela não pode ser ultrapassada. Em sua

¹⁹ VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 25.

²⁰ VATTIMO, 2004, p. 138.

última entrevista em 1966 para a revista alemã *Der Spiegel* (O Espelho), Heidegger afirmou que a metafísica só poderia ser superada se o ser se dirigisse a nós de uma outra maneira. Só um Deus poderia nos salvar e só um Deus também poderia trazer as condições para uma decisão de superar a metafísica²¹. Na parte introdutória de sua Teologia Sistemática, Tillich percebeu que a “morte de Deus”, tal como Nietzsche a anunciava, estava presa ao mesmo fundamento com o qual o filósofo procurava rejeitar a tradição cristã:

Ninguém é capaz de sair desse círculo “mágico”. Nietzsche, que tentou fazê-lo, anunciou a vinda do Anticristo. Mas o Anticristo é dependente do Cristo contra o qual ele se levanta. Os primeiros gregos, por cuja cultura Nietzsche ansiava, não tiveram de combater o Cristo. De fato, eles prepararam inconscientemente sua vinda ao elaborar as questões às quais ele deu a resposta e as categorias nas quais a resposta podia ser expressa. A filosofia moderna não é pagã. O ateísmo e o anticristianismo não são pagãos. Eles são anticristãos em termos cristãos.²²

A nosso ver, é aqui que se encaixa a teologia de Paul Tillich. A metafísica não pode ser confundida com o Deus bíblico e cristão. Mas por que isso deveria levar a rejeitar também a ontologia?

3 ESTATUTO DA FÉ: ONTOLOGIA, CORAGEM E COMPROMISSO

Há uma diferenciação entre teologia e filosofia que Tillich sempre fez questão de deixar claro. O compromisso é o divisor de águas, conforme se lê na passagem que segue:

A filosofia, embora conhecedora dos pressupostos existenciais da verdade, não vive com eles. Volta-se imediatamente ao conteúdo e tenta apreendê-lo diretamente. Em seu sistema faz abstrações da situação existencial de onde esse

²¹ VATTIMO, 2004, p. 145.

²² TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 44.

conteúdo se origina. Não reconhece nenhum compromisso com tradições ou autoridades especiais.²³

Porém, Tillich afirma também que “a fé pressupõe a pergunta ontológica”.²⁴ Essa ótica, segundo Tillich, põe a filosofia em uma posição muito próxima de questões teológicas. As questões ontológicas, ou seja, a busca pela “ser”, em si, não é uma preocupação central da teologia, mas a teologia cristã não pode ignorar as preocupações ontológicas, precisa estar em sintonia com essas perspectivas. As duas passagens abaixo, indicam, respectivamente como Tillich entende o compromisso da teologia, o que a diferencia do falar filosófico, e como que o problema “ontológico” não pode ser excluído do horizonte do fazer teológico:

[...] queremos *saber*, saber a respeito de nós mesmo jogados no ser, e conhecer os poderes e as estruturas que controlam este ser em nós mesmos e em nosso mundo. Queremos conhecer o significado do ser porque somos humanos e não apenas sujeitos epistemológicos. Portanto, transcendemos e sempre devemos transcender os sinais de não-ultrapassagem, cautelosamente erguidos pelo ceticismo e dogmaticamente mantidos pelo pragmatismo. O significado do ser é nossa preocupação básica; é a questão realmente humana e filosófica. Com esta afirmação chegamos ao ponto decisivo no qual a filosofia demonstra possuir caráter querigmático e, portanto, teológico, pois esta é a tarefa da teologia: indagar pelo ser na medida em que se coloca para nós como nossa preocupação última.²⁵

A ontologia é possível porque existem conceitos que são menos universais do que o ser, porém mais universais do que qualquer conceito ôntico, isto é, são mais universais do que do que todo conceito que designa uma esfera de seres. Esses conceitos foram chamados “princípios”, “categorias” ou “noções últimas”. Durante milhares de anos, a mente humana trabalhou em sua descoberta, elaboração e organização. Mas não se logrou consenso algum, embora certos

²³ TILLICH, Paul. **A era protestante**. São Paulo: IEPG, 1992. p. 119.

²⁴ Tradução do alemão “Der Glaube enthält die ontologische Frage”. TILLICH, Paul. **Biblische Religion und die Frage nach dem Sein**. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1956. p. 54. O verbo conjugado “enthält”, significa literalmente “contém”.

²⁵ TILLICH, 1992, p. 115.

conceitos reapareçam em quase todas as ontologias. A teologia sistemática não pode e não deve entrar na discussão ontológica como tal. Contudo, ela pode e deve considerar esses conceitos centrais do ponto de vista de seu significado teológico. Tal consideração, imprescindível em cada parte do sistema teológico, pode influenciar indiretamente a análise ontológica. Mas a arena da discussão ontológica não é a arena teológica, embora o teólogo deva estar familiarizado com ela.²⁶

Tillich praticou o que poderia ser chamado de “teologia filosófica”, termo por ele mesmo aplicado a si.²⁷ Mas engana-se quem pensa que Tillich abdicou da centralidade do Cristo. Ao contrário, toda sua teologia outra coisa não é a não ser uma tentativa de mostrar que a razão grega não se contrapõe à fé, que não é contrária a ela, mas, antes, traz a pergunta essencial que será respondida pela Revelação de Deus em Jesus Cristo. O logos grego torna-se Logos Encarnado, a resposta última e definitiva sobre a pergunta “o que há?”, formulada pela ontologia grega. A teologia cristã de Tillich está comprometida com um evento “localizado” e determinado, seria possível dizer até “enraizada” em um evento historicamente determinado. Tillich inicia a sua TS justamente se posicionando a respeito disso, assim,

A teologia, como função da igreja cristã, deve servir às necessidades desta igreja. Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia oscila entre dois pólos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade dever ser recebida.²⁸

No texto de 1952, *The courage to be*, (A Coragem de Ser), Tillich examina a fé bíblica como *coragem estoica* necessária diante da ansiedade do homem moderno em um mundo, segundo ele, dominado pela culpa,

²⁶ TILLICH, 2005, p. 174.

²⁷ TILLICH, 1992, p. 111.

²⁸ TILLICH, 2005, p. 21.

pelo medo, pela ansiedade e pelo desespero.²⁹ A nosso ver, esse texto é um dos mais radicais de Tillich. E, certamente, aquele que tem também uma perspectiva profética. Ele tinha consciência de que a teologia atual havia se rendido às epistemologias, que a teologia havia se acovardado, que, enfim, a mensagem cristã tinha sentido diante das angústias, mas que ele preciso inovar no falar. A própria teologia carecia de um método, de um princípio novo para se referir ao homem moderno e secularizado pela cultura da relativização. A seguinte passagem dá o tom de como Tillich se entendia e para onde queria dirigir a sua teologia:

Pressuponho em meu inteiro pensar teológico a história toda do pensamento cristão até hoje, ao mesmo tempo em que também considero a atitude dos que duvidam, dos que se afastam e dos que se opõe a tudo que é eclesástico e religioso, incluindo o cristianismo. Preciso falar a estes. Minha tarefa dirige-se aos que fazem perguntas. É por causa deles que estou aqui.³⁰

Nesse escrito, Tillich condena certas teologias frouxas ou convenientes. São visões, segundo ele, equivocadas sobre a significatividade do religioso presente naquilo que ele denomina de “teísmo transcendente”.³¹ O que esse termo designa, em sua percepção, é uma invocação do nome de Deus apenas porque é mais conveniente ou socialmente mais aceitável possuir algum tipo de fé ou ter ligação com alguma tradição religiosa. Esse tipo de fé, ele considera hipócrita e sem compromisso com a centralidade e radicalidade da revelação. Tillich não o diz abertamente, mas é possível perceber que esse tipo de teologia apenas defende um convencionalismo moralista e complacente com determinadas situações, porém sem compromisso algum com os princípios religiosos e teológicos de que se serve. É óbvio que Tillich rejeita uma teologia assim. Essa for-

²⁹ Em português, TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

³⁰ Brown ed., *Ultimate concern*, p. 191. In: TILLICH, 1986, p. 27.

³¹ TILLICH, 1976, p. 140.

ma de crença de modo algum é uma afirmação específica sobre Deus como fundamento último para a existência, aquele Deus que é sempre incondicional – (Undbedingt), ou aquele Deus que precisa estar, segundo ele ainda, “acima desse Deus do teísmo”.³² Afirma também que “a pregação do sentimento religioso presta enorme desserviço à religião”³³ A seguinte passagem aponta como Tillich entendia o papel da religião, que nesse caso, é a religião cristã:

Se a religião não tivesse palavra para nós neste tempo, não teria palavra alguma digna de ser ouvida. Se, por outro lado, a religião apenas repetisse a palavra de todo mundo – jornais, rádio, discursos –, se apenas seguisse a tendência geral da opinião pública, tampouco deveríamos escutá-la. Se a religião demonstrasse somente um pouco mais de entusiasmo, um pouco mais de certeza e de dignidade além das coisas que de qualquer maneira seriam feitas com ela ou sem ela, então nada significaria para a situação atual ou para quaisquer outras situações. Se ela deixasse de ser a espada espiritual pairando acima de todos os entusiasmos, certezas e dignidades humanas, julgando-as, transformando-as e transcendendo-as – então haveria de ser engolida pelo processo geral da civilização e desapareceria depressa por causa de sua inutilidade e aborrecimento. [...] A primeira palavra, portanto, que a religião deve pronunciar aos ouvintes de nossa época deve ser uma palavra contra a religião. [...] A religião só poderá falar ao povo de nossa época se conseguir dizer uma palavra transcendente e, portanto, julgadora e transformadora. De outra forma, não será mais do que mera colaboradora do que se aceita comumente, serva da opinião pública, exercendo posições de tirania tão terríveis como as de qualquer outro tirano.³⁴

Cabe então dizer que Tillich, mesmo quanto considerou a ontologia como porta de entrada para várias outras interpretações filosófico-teológicas, não abriu mão da centralidade do Logos Encarnado, O Cristo da Fé,

³² “Deus não é nem objeto nem sujeito e, portanto, acima do esquema o qual forçou o teísmo”.

³³ TILLICH, 1986, p. 107.

³⁴ TILLICH, 1986, p. 203-204.

Escândalo e Paradoxo. Desse modo, a teologia precisa ocupar-se com esse “incondicional”, aquele paradoxo descrito como um evento entre a escandalosa morte do Messias na cruz e a fé que brotou na páscoa. A teologia e a Igreja são uma decorrência desse acontecimento, por mais que o nome Igreja soe estranho para a filosofia e as ciências de modo geral.³⁵ E como tal a teologia se expressa na prática existencial através da Igreja, através dos creem, dos que professam que o Messias é o Cristo Encarnado, o Logos que se tornou carne e habitou entre nós, conforme as magistrais palavras de nosso autor:

É a Igreja sob a Cruz que sozinha pode fazer isto, a Igreja que prega o Crucificado, que gritou para o Deus que permanecia seu deus depois que o Deus da confiança o havia abandonado nas trevas da dúvida e insignificação. Ser como uma parte em tal igreja é receber uma coragem de ser na qual podemos perder nosso eu e na qual recebemos nosso mundo. Fé absoluta, o estado de ser apoderado pelo Deus além de Deus, não é um estado que aparece ao lado de outros estados da mente. Nunca é algo definido ou separado, um evento que possa ser isolado e descrito. É sempre um movimento dentro, com e sob outros estados da mente. É a situação dentro do limite das possibilidades do homem. É o limite. Portanto é ambas, a coragem de desespero e a coragem dentro e acima de toda coragem. Não é um lugar onde se possa viver, é sem a segurança de palavras e conceitos, é sem nome, sem igreja, sem culto, sem teologia. Mas está se movendo nas profundezas de todos eles. É a potência de ser, da qual eles participam e da qual são expressões fragmentárias. [...] A coragem estoica retorna, porém não com a fé na razão universal. Retorna com a fé absoluta que diz Sim ao ser, sem ver nada concreto que possa vencer o não-ser no destino e na morte.³⁶

O dilema mais central e nunca respondido suficientemente, isto é, saber se a teologia é apenas culturalmente vinculada com o cristianismo

³⁵ A esse respeito, é significativa a interpretação de WESTHELLE, Vítor. **O Deus escandaloso**: uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

³⁶ TILLICH, 1976, p. 145-146.

ou se ela é ontologicamente determinada pelo cristianismo. Se a segunda possibilidade estiver correta, só haverá teologia como uma “ciência” restrita aos conteúdos da fé cristã, porque, nesse caso, a teologia seria um compromisso apenas com a ontologia implicitamente dada no Evangelho e que o próprio Evangelho quer responder, qual seja, “quem é o Deus bíblico; “porque Deus se revelou?”; “por que se autorrevelou em Jesus Cristo?”; “para quem tem validade a revelação divina acontecida por meio de Jesus Cristo?”. Nesse caso, a pergunta de Tertuliano, por mais que indicasse positivamente não haver nenhuma relação entre a teologia que brotou do cristianismo primitivo de Jerusalém e a filosofia surgida dos problemas engendrados pela “fisis” pré-socrática, apontava, mesmo sem o saber objetivamente, desde onde se pode falar de uma teologia e desde onde se pode falar da filosofia. Tertuliano, certamente, não foi o único representante da Patrística a perceber que não havia uma relação direta entre a filosofia vinda da Grécia e a teologia que surge a partir da proclamação do Cristo. E toda a Patrística não teve como evitar a influência que a cultura grega já havia estabelecido no contexto em que a teologia cristã se desenvolve. Ainda que fosse possível falar de filosofia como uma sabedoria em geral e da teologia como uma ciência que trate dos aspectos divinos de qualquer religião, a pergunta de Tertuliano indica uma outra direção que não permite uma definição tão ampla, mas parece empurrar o problema para aquele ponto onde só se pode falar o que é “a” filosofia e o que é “a” teologia. E mesmo que se possa defender a existência da filosofia muito antes dos gregos, seja na sabedoria chinesa antiga, na egípcia, na pérsia, isso provavelmente pouco tem a ver com a filosofia como se a conhece em nosso contexto. Uma compreensão de teologia adequada é necessária para perceber aonde Tillich quer chegar e de que teologia afinal de contas ele fala. Só então será possível responder com que teologia ele estabeleceu uma correlação ontológica. Porque também dentro do cristianismo seria mais prudente falar em “teologias” uma vez que toda teologia

cristã, em geral, segue determinados princípios filosóficos, históricos, hermenêuticos, ideológicos e sociológicos. Se cada filosofia, desde as mais variadas épocas, está sempre muito relacionada com a visão de mundo de seus autores, o que para Gilles Deleuze e Félix Guattari nada mais é do que a criação de “conceitos”³⁷, com a teologia as coisas também não são diferentes. A teologia, notadamente a cristã, sempre foi muito multifacetada e sempre se identificou com as mais variadas tendências históricas e filosóficas que, assim, emolduravam os princípios teológicos. A teologia precisa falar de Deus ou de algum deus; é muito evidente que qualquer teologia – admitindo-se por hipótese que existam “teologias” não cristãs, inclusive, tem uma relação necessária com alguma religião e suas formas de representação. Teologia precisa ser a interpretação dos princípios de uma religião e da fé que a ela corresponde. Em termos cristãos, essa fé representa simplesmente ὁβόοέò Ýðß èãüí³⁸ “[...] fé em Deus” de acordo com Rudolf Bultmann.³⁹ Mais do que o esclarecimento dos princípios, uma teologia haverá de ser, antes, defensora dos princípios que dão sustentação a determinada expressão religiosa. O que na tradição cristã tornou-se um conhecimento que outra coisa não é a não ser defensor e guardião da fé, constituindo-se, por isso mesmo, em uma disciplina denominada apologética. Em termos de teologia cristã isso tem a seguinte conotação:

A tarefa da apologética consiste em estabelecer as bases sobre as quais as reivindicações do cristianismo quanto à verdade possam ser entendidas e legitimadas frente a questões levantadas tanto pelos que estão dentro como pelos que estão fora dele. O apologista é um advogado de defesa

³⁷ DELEUZE E GUATTARI. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 13: “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Em outra passagem eles afirmam: “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos”.

³⁸ Passagem bíblica de Hebreus 6.1.

³⁹ Bultmann, 2004, p. 113.

do sentido e da verdade da mensagem cristã no mundo moderno. A apologética é o órgão pelo qual a defesa do cristianismo pode ser apresentada perante o tribunal da razão humana como tal.⁴⁰

Assim como não é possível praticar nenhuma filosofia sem pressupor direta ou indiretamente uma ontologia, assim também não é possível praticar nenhuma teologia sem pressupor ou até abertamente invocar a apologia de um princípio doutrinário correspondente à fé. Há que se falar da fé. Por esse motivo a apologética é também entendida, em uma série de situações, como sendo simples sinônimo daquilo que se designa pelo termo dogmática. Entretanto há exceções, ao que os editores acima mencionados trazem ainda uma contribuição: “A Teologia Sistemática de Paul Tillich constitui a monumental exceção. Em seu método de correlação, o elemento apologético é embutido na estrutura do sistema teológico como a resposta cristã às perguntas que lhe são feitas pela situação contemporânea”.⁴¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tillich se enquadra na categoria dos apologetas da fé cristã por mais diferente que fosse a maneira que com que efetuou tal tarefa. Em suma, toda a sua TS, somada a uma série de outros escritos, tiveram por finalidade expressar em termos existenciais – problemas ontológicos - às quais ele correlacionou a fé cristã como resposta e fundamento, e a teologia como a tradutora dessa resposta para situações históricas específicas. E não é possível dizer que Tillich não defenderia uma teologia fora do cristianismo no sentido que toda tradição religiosa tem uma divindade e uma teologia. Mas colocar as coisas assim significa negligenciar o real propósito de Tillich, ou seja, o de estabelecer um caminho que parta da ontologia para

⁴⁰ BRAATEN; JENSEN, 1990, p. 34.

⁴¹ BRAATEN; JENSEN, 1990, p. 34.

a revelação como fundamento último, incondicional, desta mesma ontologia: o Deus que se revelou em Jesus Cristo e que permanece ainda um mistério mesmo depois de ter se revelado. Mas esse mistério tem validade universal e nunca poderá ser compreendido racionalmente se por racionalmente se entender posse ou certeza. A sua validade universal também é parte do mistério; constitui aquela parte que não pode ser apossada racionalmente e manipulado: é sempre incondicional.⁴²

A teologia de Tillich não pode ser compreendida na esteira das certezas e uma ciência da religião e nem nas descrições tipológicas de teologias generalizantes a partir do fenômeno religioso. Isso pode ser importante, mas não é o fundamental de sua compreensão. Ele nunca negou que haveria outras formas de abordar a religião, o cristianismo e mesmo a filosofia. Mas Tillich tem um propósito, um alvo, uma meta que só se concretiza na teologia cristã. Essa concretização se dá precisamente do encontro da ontologia e o Cristo da fé. Essa é, em suma, a correlação de sua metodologia teológica. O teólogo norte-americano Carl E. Braaten, que foi o sucessor de Tillich em Chicago, não só conhece bem a obra de Tillich como é também um de seus comentadores.⁴³ Dele vem uma afirmação sobre a validade universal do Cristo da fé como resposta definitiva à ontologia, inspirada em Tillich mesmo. Assim escreveu ele:

⁴² FORTE, Bruno. **Teologia em diálogo**: para quem quer e para quem não quer saber nada disso. São Paulo: Loyola, 2002. p. 34: “O Deus da revelação não é só o Deus dos” pontos tirados” das certezas consolidadas no mistério, mas também e propriamente o Deus da “arca despedaçada”, que permanece em frangalhos sobre o abismo: um Deus que não antecipa o resultado final, um Deus do risco e da possibilidade impossível. Isto significa que diante de Deus e se Seu agir na história a razão indagadora tem de permanecer aberta à escuta. Cristo não é a verdade ideológica, empilhada nas malhas do pensamento, objeto entre os objetos da mente: Cristo é a verdade viva e pessoal e, exatamente por isso, não pode ser imposto a ninguém, só proposto à audácia da liberdade indagadora”.

⁴³ Por exemplo, o prefácio escrito em: TILICH, **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**, páginas 11-28.

“Ninguém pode chamar Jesus de Senhor a menos que tenha sido tomado pelo Espírito Santo (1 Co 12.3). A afirmação não é produto de uma análise objetivadora. A confissão de Pedro: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’ foi uma afirmação extática, um milagre da mente (Tillich). [...] Não esperamos que ninguém venha a confessar a unicidade de Jesus, no sentido especial implicado pela soma dos títulos cristológicos, por meio de uma reconstrução do Jesus histórico. Esse Jesus está morto e sepultado, e permanecerá sempre encerrado no túmulo para as pessoas que não crêm que agora ele vive livremente para além dos limites de seu próprio destino terreno”.⁴⁴

A ontologia de Tillich também não pode ser separada de uma perspectiva soteriológica que, ao ser resposta e fundamento da ontologia, é também a resposta definitiva e final de toda culpa e alienação que assola a existência.

Segundo a perspectiva de Tertuliano, Jerusalém nada teria a ver com Atenas. De alguma maneira, Tertuliano está afirmando positivamente isso: só existe teologia a partir de Jerusalém (do cristianismo) e só existe filosofia a partir de Atenas (da Grécia). Tratando-se o problema de forma estanque não é mesmo possível ver as coisas de outra maneira, pois, o evento “cristico” de Jerusalém é uma questão estritamente religiosa que tem como fundo histórico o messianismo judeu, segundo o qual viria o Messias e instauraria o reinado de Deus. Porém, Tillich respondeu que essa perspectiva está errada. A pergunta filosófica é o pressuposto da revelação divina.

Tillich foi um visionário no sentido de perceber que a teologia tinha de renovar-se, mas para isso também tinha de ser crítica com seus princípios. O problema religioso não está restrito à teologia, porém a fé cristã não pode se sustentar se não houver quem lhe pense. Mas o sentido ontológico da fé ultrapassa o cristianismo consagrado pela tradição eclesiástica. O sentido ontológico da fé é muito mais do

⁴⁴ BRAATEN; JENSEN, 1990, p. 545.

que uma teologia acadêmica pode dizer e saber. A existência constitui a pergunta sobre o sentido do ser e, para Tillich, o sentido do ser é a ontologia que torna a fé a resposta existencial última. Tillich percebeu que a questão religiosa não poderia ser considerada ultrapassada apenas porque determinadas escolas de pensamento filosófico assim queriam. Os problemas ontológicos da fé não podem ser vencidos pela existência e nem pela razão natural. O objetivismo científico e lógico de nossa era não pode vencer o sentido existencial onde a fé surge e ao qual também responde. O que estava já em jogo nos anos cinquenta e sessenta era uma crítica ao biblicismo tradicional da teologia cristã e também uma crítica ao enclausuramento técnico e objetivo dos elementos que constituem a fé em sentido último. A ciência da religião e a sociologia da religião nos tempos Tillich já estavam em evidência⁴⁵. Mas o excessivo tecnicismo e objetivismo dessas ciências as privam de ver o sentido existencial da fé. Só a filosofia, não uma filosofia de moda acadêmica, mas uma filosofia radical com os problemas existenciais poderia oferecer uma renovação para a reflexão sobre o sentido existencial e a fé, ou o logos e o Logos Encarnado, como quer Tillich. Um teólogo sistemático precisa ser também um filósofo; não apenas um filósofo da religião, mas um filósofo da teologia. O principal propósito do trabalho sistemático de Tillich é estabelecer a ontologia como eixo central da prática teológica. A existência é o lugar onde a fé se dá, acontece. O tempo existencial é kairológico e nunca passível de análises meramente lógicas. O ser das coisas (onticismo) e o ser do sentido existencial (ontologia) são fundamentalmente diferentes. A teologia não pode acontecer de outro modo a não ser no sentido existencial.

⁴⁵ Um trabalho interessante sobre esse assunto é de WIEBE, Donald. **Religião e verdade**: rumo para um paradigma alternativo para o estudo da religião. São Leopoldo: Sínodal, 1998.

Uma teologia que não conseguir se expressar em sentido existencial não consegue atingir o crente moderno. Torna-se uma teologia livresca e desconectada da realidade, ou uma teologia apenas moralista e emotiva. Se esse fosse o caso, ambas desconhecem a profundidade da Revelação em Cristo. Portanto, na perspectiva de Tillich, a fé, absolutamente última, incondicional, é a expressão mais clara de que a existência, a pergunta ontológica como quer Tillich, é o seu ponto de partida. E a chegada será a Revelação, o Logos Encarnado, pelo qual cada teologia, a seu tempo, haverá de responder. Se para Tertuliano e Lutero Atenas nada tem a ver com Jerusalém, para Tillich, ao contrário, Jerusalém já estava também embrionariamente presente na filosofia de Atenas.⁴⁷

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, **Dicionário de filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric O. **Filosofia para entender a teologia**. São Paulo: Paulus; Santo André, SP: Academia Cristã, 2010.
- BOSCHENSKI, Innocentius Marie. **Diretrizes do pensamento filosófico**. 6. ed. São Paulo: EPU, 1991.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2010.
- BRAATEN, Carl; JENSEN, Robert. (Eds) **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1990. v.1.
- BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- _____. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.

⁴⁷ Isso nos remete a um filósofo francês atual que sustentou, entre outras coisas, que a filosofia, igualmente a teologia, aspira a salvação. Ver FERRY, Luc. **O homem-deus ou o sentido da vida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

DELEUZE E GUATTARI. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

WIEBE, Donald. **Religião e verdade:** rumo para um paradigma alternativo para o estudo da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FERRY, Luc. **O homem-deus, ou o sentido da vida.** 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

FORTE, Bruno. **Teologia em diálogo:** para quem quer e para quem não quer saber nada disso. São Paulo: Loyola, 2002.

GOTO, Tommy Akira. **O fenômeno religioso:** a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.

HEBECHE, **O escândalo de Cristo:** ensaio sobre Heidegger e Paulo. Ijuí: Unijuí, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2010.

_____. **Marcas do caminho.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIENEMANN-PERRIN, Christine. **Missão e diálogo interreligioso.** São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2005.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas:** os primórdios – escritos de 1517 a 1519. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2004.

MUELLER, Enio Ronald; BEIMS, Robert Walter (Orgs) **Fronteiras e interfaces:** o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo, RS: Sinodal: 2005.

SEGUNDO, Juan Luis. **A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré:** dos sinóticos a Paulo. São Paulo: Paulus, 1997.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **A era protestante.** São Paulo: IEPG, 1992.

_____. **Biblische religion und die frage nach dem sein.** Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1956.

_____. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX.** São Paulo: ASTE, 1986.

_____. **Teologia sistemática.** 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. **História do pensamento cristão**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004.

WIEBE, **Religião e verdade**: rumo para um paradigma alternativo para o estudo da religião, 1998.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WESTHELLE, Vítor. Os sinais dos lugares: as dimensões esquecidas. In: DREHER, Martin ed. **Peregrinação**: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

_____. **O Deus escandaloso**: uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal, 2008.